

## A JUVENTUDE RURAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Elize Bertella<sup>1</sup>  
Nilvânia Aparecida de Mello<sup>2</sup>

**Área de conhecimento:** Economia Doméstica.

**Eixo Temático:** Qualidade de vida, Desenvolvimento e Meio Ambiente.

### RESUMO

O presente artigo contextualiza a juventude e procura definir os termos globalização, desenvolvimento local num contexto global (glocalização), nova racionalidade (introduzida pela internet) e o protagonismo juvenil. Procura-se descrever o caminho percorrido e a atual situação que o mundo vive desde o início da era da globalização apontando os pontos positivos e negativos que este fenômeno provoca na vida das pessoas. Quanto aos jovens é possível perceber que as influências são mais sentidas e que há necessidade de preparar o jovem para esta nova racionalidade. O pensar global e agir local faz parte do curso do sistema que tem por interesse movimentar o mercado e ditar suas regras interferindo na cultura dos povos através da comercialização exacerbada e das condições impostas para que o indivíduo esteja ativo e possa participar do mundo globalizado.

**Palavras-chave:** protagonismo, desenvolvimento local, racionalidade, educação.

### 1 INTRODUÇÃO

Como a juventude esta sendo vista e como esta interagindo nesta racionalidade moderna? Como poderemos perceber a globalização não é um fato absolutamente novo, este fenômeno vem de longa data desde as primeiras civilizações, o que temos de novidade é o que aconteceu após a revolução industrial

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR Câmpus Pato Branco, elizedv02@hotmail.com

<sup>2</sup> Eng. Agr. Doutora em Ciência do Solo, Professora do curso de Agronomia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR Câmpus Pato Branco, nilvania@utfpr.edu.br



---

---

e principalmente a partir de 1968 quando a TV passa a ter alcance mundial e da década de 1980 quando a rede mundial de computadores, internet, é criada e difundida no mundo apresentando uma nova racionalidade humana, interferindo não só no contexto comunicação, mas em praticamente todos os âmbitos da vida do ser humano.

Com o fenômeno da globalização perde-se um pouco da identidade local, a mundialização e internacionalização do comércio e da indústria passam a ser sentidas em todos os locais, provocando a mudança de alguns costumes ou a aquisição de novos. Porém algumas indústrias perceberam que havia necessidade de planejar os produtos de forma diferente respeitando a cultura de cada região para alargar seus horizontes e ganhar a competitividade do mercado. Conforme Gilbert Gilles Gerteiny “para ganhar a causa do “local” se tem que agir no nível global, porem, utilizando-se de novas tecnologias a fim de maximizar a ação localmente”.

Com origem derivada da palavra japonesa “Dochakuka”, que estabelece que as técnicas aplicadas para cultivar as terras devem se adaptar às condições locais surge então o termo Glocalização, que tem significado parecido, pois há necessidade de adaptar o produto e o marketing de acordo com a localidade onde o produto será comercializado. Exemplo clássico de Glocalização é a empresa McDonald’s. Um exemplo citado por Gilbert Gilles Gerteiny foi que uma franquia da empresa localizada em, um bairro católico de Cincinatti, nos EUA, verificou que nas sextas feiras a frequência de consumidores diminuía, devido ao respeito pela abstinência à carne neste dia, então foi criado um novo produto a base de peixe trouxe de volta sua clientela católica.

Como é possível perceber a globalização influencia todos os âmbitos da vida. Com o surgimento do rádio em baixa escala, mas da TV e da Internet, o sistema de comunicação e a informatização ocorreu um grande salto introduzindo uma nova racionalidade humana. A cultura hegemônica imposta pelo primeiro mundo provoca transformações em todas as culturas.

Há necessidade de elaborar políticas públicas para a melhoria de todos os setores de atendimento básico, mas principalmente na educação. A formação oferecida nos bancos escolares precisa estar voltada para a formação de um cidadão completo e não apenas preparar para o mercado de trabalho, o jovem precisar ser o protagonista de sua realidade, não se deixar alienar pelas tendências



---

---

de mercado, mas, para isso precisa de uma base, de uma referência fixa de formação.

Pretende-se com este artigo fazer discutir como a juventude esta sendo vista e reagindo neste mundo globalizado contextualizando a juventude, nos termos e fenômenos globalização, glocalização, racionalidade e protagonismo.

Para este contexto será definida a fase da juventude o período de idade compreendida entre 15 e 29 anos, por ser este o corte utilizado pela maioria dos autores e pesquisadores, e também por desta forma estar descrita no Projeto de Lei 4.529/04 que cria o Estatuto da Juventude, recentemente aprovado pelo Congresso Nacional brasileiro.

## **2 GLOBALIZAÇÃO! MAS AFINAL O QUE É?**

A globalização não é uma realização do presente, vem desde os povos primitivos quando passaram a dominar o fogo e explorar o ambiente em que viviam. No século XV os europeus povos mais desenvolvidos, passaram a fabricar embarcações o que os possibilitou iniciar o desbravamento dos mares a fim de descobrir novos mundos e ligar Oriente e Ocidente. A Revolução Industrial iniciada no Reino Unido em meados do século XVIII, expandida pelo mundo a partir do século XIX, provocou um conjunto de mudanças tecnológicas e impactou o processo produtivo. Na agricultura e na indústria a máquina substitui o trabalho humano, inicia-se uma nova relação entre capital e trabalho e conseqüentemente entre nações surgindo a cultura de massas advinda do liberalismo econômico, da acumulação de capital e de uma série de invenções como o motor a vapor, fatores que permitiram o avanço de países industrializados sobre o restante do mundo e o capitalismo se torna o sistema econômico vigente.

No final da década de 70, o termo “globalização” passou a ser usado fora das discussões econômicas facilitando as negociações entre os países. Nos anos 80, esse movimento manifesta-se na difusão de padrões transnacionais de organização econômica e social, de consumo e de formas de lazer e expressão cultural, artística e corporal tornando-se, por fim, um estilo de vida decorrente das pressões competitivas do mercado (RATTNER,1995). Este processo de globalização econômica avança a cada instante imprimindo transformações sociais na vida



---

---

cotidiana de todas as pessoas numa velocidade nunca antes experimentada pela espécie humana, segundo Maturana e Varela (1995 p. 259) todo fazer leva a um novo fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza o nosso ser, num processo cuja realização está imersa no modo de ser autônomo do ser vivo.

A globalização envolve países ricos, pobres, pequenos e grandes e atinge todos os setores da sociedade, e por ser um fenômeno tão abrangente, exige novos modos de pensar e enxergar a realidade. As coisas mudam muito rápido, o território mundial ficou mais integrado, mais ligado, por exemplo, na década de 50, uma viagem de avião cruzando o Oceano Atlântico durava 18 horas, hoje a mesma rota pode ser feita em menos de 5 horas.

Conforme Bonetti (1998) O surgimento desse mundo globalizado vem provocando um misto de ansiedade e medo, pois atinge as diversas esferas da vida humana, influenciando nos padrões de trabalho, saúde, educação, lazer, expressão artística e cultural, na tecnologia, na administração de empresas e instituições públicas, provocando profundas mudanças sociais e econômicas. Tais mudanças podem gerar no ser humano diversos fatores de risco de caráter psíquico, físico, social, político, econômico e cultural, uma vez que o forçam a adequar-se para poder estar ativo no mercado e no sistema.

Não se pode negar que a globalização tem sua face benéfica a todas as nações, pois a facilidade e rapidez de se acessar informações a partir da invenção da televisão e da rede mundial de computadores - internet facilita e desburocratizam muitos processos, outro exemplo, o consumidor foi beneficiado, pois, pode-se contar com produtos importados com menor custo e melhor qualidade. Porém ela também pode dificultar e ser utilizada como ferramenta de dominação dos países mais desenvolvidos, o chamado primeiro mundo e sobre os subdesenvolvidos, pois, detém o poder sobre tais tecnologias.

Uma desvantagem neste novo mundo é que o mercado aprendeu a produzir mais, com menos gente e menos custo. Utilizando novas tecnologias a máquina substitui o homem, com isso aumenta-se a oferta de mão de obra livre no mercado e diminui o valor pago pela mesma, rebaixa-se o custo de produção e eleva-se o lucro do mercado.

No Brasil o impacto também foi sentido devido ao processo de modernização da agricultura que contribuiu com o êxodo rural e a crescente urbanização da



---

---

população brasileira, aumentando a oferta de mão de obra e provocando a baixa nos salários oferecidos na indústria e comércio.

O processo histórico da sociedade como um todo, onde o poder esta nas mãos da classe detentora do capital conduz fatalmente ao confronto de classes. Embora seja isto um fato cada dia mais evidente, este confronto é negado pelos opressores, mas é afirmado também na própria negação (FREI BETO, 2006).

No meio rural esta luta esta explicita quando esta em jogo a permanência da família como um todo e do jovem especificamente, principalmente o advindo da agricultura familiar, pois várias barreiras lhe são impostas, iniciando pela informatização e mecanização da agricultura, que nem sempre esta ao seu alcance. Outro fator é a competitividade do mercado, pois, a quantidade oferecida interfere no valor pago, ou seja, quanto maior a quantidade de produto maior o preço, neste caso para o agricultor familiar resta duas saídas, associar-se a mais famílias ou abandonar a produção e partir para outra atividade agrícola ou migrar para os centros urbanos.

Segundo dados do senso do IBGE, em 2010 apenas 16%<sup>3</sup> da população brasileira vivia no meio rural. Vários autores chamam a atenção para a importância da educação para os jovens rurais. Para Castro (2009) “A “cobrança” da permanência e continuidade dos “jovens” no campo deve problematizar esse olhar que percebe no jovem o ator heróico da transformação social”. Ele é uma grande peça chave para o processo, mas, “a mudança dessa realidade e da situação de desigualdade social demanda ações coletivas e políticas públicas de longo alcance que gerem transformações mais profundas na realidade brasileira”. A juventude rural deve ser vista como agente de transformação social, porém, para poder exercer este papel deve estar instrumentalizada com uma educação de qualidade e com políticas públicas que promova a agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável.

## 2.1 A GLOCALIZAÇÃO NO CONTEXTO MUNDIAL

Com as mudanças ocorridas em todos os aspectos da vida humana, sejam sociais ou econômicos, que estão na base do processo de globalização atual, há necessidade de interpretar os fenômenos que ocorrem de forma global e local, pois,

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br>



---

---

segundo Franco (2003) “não se pode captar plenamente o sentido do processo se não se compreender que a globalização é, simultaneamente, uma localização do mundo e uma mundialização do local; ou seja, é uma “glocalização””.

Glocalização é um termo que foi introduzido inicialmente na década de 1980 baseado na estratégia mercadológica de origem japonesa que se refere à adaptação das técnicas de cultivo da terra às condições locais, no mundo dos negócios esta idéia foi aplicada à comercialização de produtos através do investimento no de marketing direcionado a cada localidade pois os processos de globalização são dimensionados para reconhecerem a cultura de um local e são adaptadas para melhor execução de uma determinada expansão.

O sociólogo Roland Robertson, um dos principais divulgadores do tema, em seu texto “Globalization”, afirma que “o local e o global não se excluem. Pelo contrário: o local deve ser compreendido como um aspecto do global. Globalização quer também dizer: a conjunção e o encontro de culturas locais que deverão ainda ser conceitualmente definidas em meio a este “choque de localidades”, ele ainda propõe que o termo seja utilizado em ao conceito base de globalização cultural, uma vez que glocalização é um neologismo resultante da fusão dos termos globalização e localização e refere-se à presença da dimensão local na produção de uma cultura global. (ROBERTSON, 1995)

Bonano (1999) cita alguns trabalhos e autores que discutem sobre a globalização da economia e da sociedade, Cox, 1997; Giddens, 1994; Harvey, 1990; Lipietz, 1992; Lushe Urry 1994 e 1987; Strobel, 1993, que “bebem da mesma fonte” e não aceitam as posições epistemológicas que atribuem entendimento dualístico a local e global, pois afirmam que uma não existe sem a outra, que são as relações sociais locais que definem as globais e vice versa, pois ao atores que operam as ações pertencem a um local e agem no âmbito global, segundo Bonano “as ações globais não teriam importância sem a expressão concreta que elas obtêm ao se materializarem no âmbito local”.

Escobar (2001) trás outra reflexão a cerca dos estudos sobre a globalização, onde o global foi freqüentemente ligado ao espaço, capital, história e atuação, enquanto o local com trabalho e tradição. Essa assimetria acabava privilegiando o espaço (e o global) nas análises das dinâmicas da cultura, poder e economia. O autor compartilha dos pensamentos de Bonano e seus citados afirmando que tanto o



---

---

local quanto o global são cruciais nessas discussões, pois ambos estão ligados a criação de formas de dominação, e nesse contexto, pontua que essa amplitude do olhar se tornou necessária para quem lida com questões na intersecção do ambiente, cultura e desenvolvimento. Enquanto fica evidente que as economias locais e a cultura estão imbuídas no capital e modernidade, há que se observar que não são exclusivas destes espaços, mas suas especificidades podem gerar uma forma diferente de se interpretar a cultura e a economia, e mesmo o capitalismo e a modernidade.

Há lugares e culturas que têm existido e aceitado uma hibridização inevitável. Mas, que isso não os torna menos local ou mais global, apenas diferente. Desta forma, a questão é descobrir como as pessoas “praticam o local no global” (FRIEDMAN, 1997), ou seja, examinar as práticas pelas quais as pessoas constroem o local mesmo participando de redes translocais. Mas para responder a tal indagação é necessário ter claro e saber diferenciar lugar de local. O local e global são escalas ou níveis de análise, e o lugar ou a localização discutida nestes estudos não se referem a eles. É impossível criar uma definição de local que funcione para todas as perspectivas, portanto para este artigo, será utilizada a definição de Escobar (2001) onde local se refere a “experiência construída do ou a partir de uma localização particular, com algum senso de limites, bases e ligada a vida cotidiana, e não baseada apenas em processos locais”.

Hoje, os espaços da Globalização foram ampliados em ambientes formados por redes. Estes, por sua vez, são globais e transportaram o universal ao local, e o inverso também, unindo pontos distantes numa mesma lógica produtiva. Para acompanhar esse processo há a necessidade de mudança de postura do indivíduo no mundo, o ser humano passou a pensar globalmente e agir localmente. Esta transição de nomes deve-se ao desenvolvimento “mútuo entre comunicação e tecnologia” (WELLMAN, 2003).

É uma mistura de Globalização com características locais. Nada é só local ou global. Glocalização refere-se a transições importantes na vida cotidiana, tanto no caráter da organização social quanto na estruturação dos sistemas globais, o objetivo não é “homogeneização cultural”, mas, de “localizar o global, jamais “deslocalizar” o que temos de original” (PERISSÉ 2008).



---

---

Nas redes sociais a motivação para a construção desses espaços é a troca de experiências em comum sem a preocupação com o limite geográfico assumindo assim um aspecto global, quando interação dentro da comunidade virtual permite e troca de informação conhecimento e costumes há influência do local no global e não apenas o inverso. Neste contexto o jovem aparece como o ator e usuário principal por ser o maior dominador destas tecnologias.

## 2.2 NOVA RACIONALIDADE INTRODUZIDA PELA GLOBALIZAÇÃO ATRAVÉS INTERNET

É impossível falar de globalização sem falar das mídias televisivas e da rede mundial de computadores - internet. Um fato marcante neste meio aconteceu em 1968 com a primeira transmissão via satélite de TV em escala planetária com os Beatles cantando: 'All you need is Love' (Tudo que você precisa é amor), um rock que explica a necessidade que principalmente o Brasil tinha devido ao período de ditadura militar que vivia.

Neste mesmo ano vários fatos aconteceram que afetaram o mundo como um todo. Ventura (1968), em seu livro: o Ano que Não Terminou, relata alguns ocorridos como: a fabricação da bomba atômica na Índia, a arrancada tecnológica no Japão, o misticismo e as filosofias orientais que invadem o Ocidente, o fim da guerra fria depois da invasão soviética na Tcheco-eslováquia, abrindo um tempo de multiplicidade diplomática e política. Relata também muitos fatos ocorridos internamente no Brasil.

Dentre estes acontecidos, surge o fenômeno da contracultura, provocado por uma revolta jovem contra as instituições da sociedade civil e uma revolução de costumes que marcaram o início de uma irreversível planetarização cultural ainda em curso e que, cada vez mais, é acentuada pela transnacionalização da mídia e dos meios de comunicação de massa, o que Morin (1986) intitula de “cultura de massa”, pois, segundo Ventura (1968) o movimento de juventude vai além da política, uma vez que se inscreve também na cultura. Mundialmente o desencadeamento da internacionalização de um aspecto da cultura que inclui os jovens, difundida por intermédio dos símbolos emitidos pela música, cinema, moda difundidas através do marketing, na TV e na internet.





---

---

Morin (1977) entende que o cenário cultural contemporâneo, a partir dos anos 60, representa uma mudança antropológica que modificou todo o planeta, provocada por três crises interdependentes: a crise juvenil (ou da linguagem), a crise feminina (ou do patriarcalismo) e a crise ecológica. Com a crise juvenil, os valores da juventude, antes reprimidos como irresponsabilidade e rebeldia tornaram-se paradigmáticos sobre múltiplos aspectos. A revolta contra as instituições e a metalinguagem transformam-se em modelos universais de comportamento, difundido principalmente através das redes sociais.

As redes sociais ajudam as pessoas a melhorar suas qualificações, promover sua carreira e aumentar a produtividade geral pelo estímulo à cooperação e a troca de informação, o acesso a novas culturas e novas tecnologias (máquinas). Ter isso em mãos é ter o domínio do poder, ou se empoderar para competir no mercado do sistema capitalista, Gomes (2005) tem como referência central a tese de que o desenvolvimento das redes de comunicação e informação estão entrelaçadas com outras redes de poderes econômico, político e militar:

...transformou a organização do tempo e do espaço na vida social; modificou as formas de ação e interação co-presenciais, instaurando formas de ação a distância em um regime de interações mediadas, desenraizado de um único contexto local. Com as formas de interação mediadas, as mensagens passaram a transcender um único ambiente geográfico e uma duração temporal determinada promovendo várias mudanças na sociabilidade contemporânea. As novas formas de interação social alteram a compreensão do lugar e da autoridade local, do passado e da tradição cultural, e da própria identidade individual e coletiva dos atores sociais.(GOMES,2005 p.19)

Como o bombardeio de trocas de informação oportunizadas pelas redes sociais, mudanças são percebidas no cenário da sociedade atual pela ausência de referências fixas para a formação de identidade, segundo Morin (2006) “um novo sujeito se formou a partir destas mudanças: um sujeito que vive a crise da representação”. O papel desempenhado em outros tempos pelo Estado, pela religião e pela família, para situar o cidadão em seu território físico e na concepção de sua subjetividade foi abalado pelas rupturas de paradigmas que o mundo assistiu após a revolução industrial.

No mundo contemporâneo, a cultura de massas, acentuada pela globalização, expõe as sociedades e suas culturas a uma homogeneização.



---

---

Segundo o autor, esta cultura cria elementos padronizantes direcionados ao comportamento e ao consumo a fim de criar um “homem universal” (MORIN, 2006). Ou seja, um homem que tenha atitudes preconcebidas e valores generalizados independente do país em que viva.

Questões como a moral e a ética não estão mais dependentes em totalidade da tradição clássica, ou seja, a família e sociedade local não desempenham mais papel central. O controle social é estabelecido agora a partir da posição hegemônica ocupada pela mídia e seu desenvolvimento tecnológico sem precedentes.

Para Morin (2006) é a mídia quem opera e cede espaço para o surgimento ou o desaparecimento de tendências a serem seguidas por toda a sociedade. Com o rompimento do modelo do cidadão clássico, a mídia em geral, a publicidade, o jornalismo, o cinema e o entretenimento são ferramentas do marketing que partilham de discursos semelhantes para validar o consumo como uma nova forma de participação social. Consumir significa assumir “uma tomada de posição política e existencial mínima”.

### 2.3 JOVEM TRADUTOR DESTA NOVA RACIONALIDADE

Para Morin (2006) a homogeneização é um grande desafio para o jovem, pois, a formação da sua personalidade fica perdida em meio a um turbilhão de informações, com famílias reestruturadas que fogem aos padrões instituídos, tem-se o que se chama de “geração problema”, uma geração que é fruto do mundo globalizado vivenciado atualmente.

Para Morin, a cultura de massa dita as tendências e as condutas a serem seguidas pela sociedade, porém, esta mesma cultura permite e também depende das contratendências, que ele caracteriza como uma espécie de “eletrodo negativo” que torna possível o funcionamento positivo da cultura o que possibilita a realização do jogo opositivo: cultura e contracultura. O que significa ser possível o surgimento de movimentos culturais, em alguns espaços midiáticos e sociais, que vem questionar a ordem hegemônica. É neste espaço que o jovem precisa situar-se na formação de sua identidade, buscando questionar antes de seguir qualquer tendência.



---

---

A participação social dos jovens não é um elemento novo na história brasileira, tendo se desenvolvido de acordo com o contexto histórico e econômico vivenciado. A juventude dos anos 60 e 70 ficou notadamente conhecida pela sua participação social e política, que teve nos estudantes seus principais protagonistas, os quais tomavam as ruas para manifestar o descontentamento não apenas com as questões estudantis da época, mas com questões nacionais e mundiais. Já as juventudes dos anos 80 e 90 foram criadas em ambientes que de forma alguma estimularam a politização e a participação dos jovens, ao mesmo tempo em que foram bombardeadas pelos meios de comunicação de massa em direção ao consumo e ao individualismo. Isso quer dizer que se os jovens desta geração nos parecem indiferentes, é porque houve todo um processo educativo que contribuiu para isso.

A cultura o processo histórico de cada época reflete diretamente na formação da identidade de cada juventude. No início do século XXI, jovem é tido como instrumento tradutor desta nova racionalidade introduzida pela cultura de massa, por ser ele o maior usuário e por ter o maior domínio sobre estas tecnologias, uma vez que a sua geração nasceu em meio a este novo mundo.

No Brasil uma juventude que parecia despolitizada ou apática demonstrou a poucos dias que como a da década de 60/70 é uma geração capaz de reivindicar uma nova sociedade. As manifestações ocorridas nas ruas pedindo o fim da corrupção e melhorias nos setores de atendimento básico como saúde e educação sejam valorizadas. Isso demonstra que as redes sociais também podem ser utilizadas valorizando a contatância da cultura alienante que muitas vezes os meios de comunicação transmitem.

Este é apenas o início de um movimento que está atingido diversos países em diferentes realidades, mas o que há de ser valorizado é o acordar que a juventude teve e esperar que realmente sejam protagonistas de uma nova era.

#### 2.4 PROTAGONISMO JUVENIL

Com a globalização o mundo moderno vive num momento crucial da história da humanidade e das nações. Muitos países e regiões se encontram excluídos e em condições inconcebíveis diante do avanço das tecnologias, pois, o poder do primeiro



---

---

mundo gera desigualdade econômica, educacional, e o individualismo, alguns dos problemas que fazem parte da vida dos jovens e suas famílias.

Quando as áreas rurais e, principalmente na agricultura familiar, os jovens precisam enfrentar outras situações, como o preconceito quanto à sua origem, dificuldades de acesso às novas tecnologias, a um sistema de saúde próximo, à cultura institucionalizada, ao transporte seguro a educação de qualidade. Fatores que os leva a abandonar o setor agrícola ou se tornar sujeitos-atores capazes de participar de uma forma mais efetiva das transformações sociais, buscando um desenvolvimento endógeno, tornando-se o protagonista de sua vida e de seu espaço. Mas afinal o que é ser protagonista?

Protagonista é uma palavra de origem grega, *protagnistés*, originada da “junção de das palavras *protos*, que significa o principal, o primeiro, e *agonistes*, que significa lutador, competidor, contendor” (COSTA, 2000, p. 150). No teatro, é a pessoa/ator que ocupa o papel principal da peça. Nas discussões atuais, o termo protagonista tem significado semelhante remetendo-se a conceitos voltados às mudanças de postura diante das situações da vida e da coletividade. Costa (2000, p. 20) define protagonista como “ator principal, ou seja, o agente de uma ação seja ele um jovem ou um adulto, um ente da sociedade civil ou do Estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social”. Assim protagonista não restringe somente à ação individual, mas, encaminha também para o trabalho em grupo, no caso das instituições, entidades e movimentos sociais, estes devem assumir a frente nos processos de diálogo, da execução de ações, de planos, de negociações, da participação com vistas ao atendimento de interesses e/ou necessidades do contexto, do entorno e dos demais atores desta “cena”, preparando sempre tais atores para atitudes protagonistas.

Para se chegar a uma ação protagonista há algumas etapas a serem percorridas, isto é, o individuo não alcança sua autonomia sem ter vivenciado algumas formas de relação com a escola, com a comunidade enfim com a sociedade como um todo. Segundo Costa (2000) para que a ação exista, é preciso que haja iniciativa, planejamento, execução, avaliação e apropriação dos resultados. O autor ressalta que este deve ser um dos papéis da escola na formação das crianças, adolescentes e jovens, pois estas fases de desenvolvimento humano são vivenciadas em grande parte do tempo nos bancos escolares e podem acontecer



---

---

naturalmente em função de determinadas formas de relação entre - muito especialmente, mas não somente – professor e aluno. Esta relação quando bem trabalhada na forma de colaboração (o principal padrão de relacionamento na adolescência, segundo o autor), os educadores e os jovens discutem e compartilham durante todas as etapas, o que os compromete com a decisão e desenvolve o sentimento de pertença e de responsabilidade desenvolvendo a autonomia e conseqüentemente ações protagonistas.

O protagonismo juvenil é entendido no âmbito da assistência social e da educação como “a atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla” (COSTA, 2000, p. 22). O desenvolvimento de atitudes protagonistas consiste na busca de alternativas pró-ativas, para o enfrentamento de problemas sociais locais e globais, com o objetivo de buscar à melhoria destes espaços, para as gerações atuais e para as gerações futuras, pensando de maneira sustentável, compreendendo que o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação da realidade, deliberado e endogenamente originado, resultante de uma construção social e que considera o conjunto dos recursos naturais e das forças e potencialidades sociais.

Para que ocorra o desenvolvimento sustentável há necessidade de mudança de paradigmas, não só em fatores ambientais, como normalmente é associado. Sachs (2003) elencou cinco dimensões para que o desenvolvimento sustentável seja possível: dimensão social, econômica, ecológica, espacial e cultural. Ser protagonista é pensar não somente na sua geração, mas também nas gerações futuras, como salientou Costa. Com vistas para as dimensões apresentadas por Sachs as ações protagonistas devem ser efetivadas respeitando as dimensões e estar organizadas para promover mudanças na qualidade de vida, no tecido social, na economia e, conseqüentemente, no meio ambiente, buscando uma relação mais equilibrada entre homem, meio social e meio ambiental.

O Protagonismo Juvenil é a ação concreta de intervenção dos jovens, no contexto social contribuindo para uma sociedade mais justa, a partir da incorporação de valores democráticos e participativos do diálogo, da negociação e da convivência com as diferenças sociais para responder a problemas reais onde o jovem é sempre o ator principal. É uma forma superior de educação para a cidadania não pelo discurso das palavras, mas pelo curso dos acontecimentos. É o jovem participar



---

---

como ator principal em ações que não dizem respeito somente à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. É ser ator com iniciativa vista a partir de sua ação, com liberdade de escolha onde pode fazer suas opções e compromissado, pois uma vez que fez suas escolhas torna-se responsável pela ação. Para exercer o protagonismo o jovem precisa ser livre para participar e decidir se vai ou não fazer a ação.

O protagonismo juvenil pressupõe sempre um compromisso com a democracia, entretanto, para que se desenvolva é necessário desenvolver um relacionamento entre jovens e adultos, em que o adulto deixa de ser um transmissor de conhecimentos para ser um colaborador e um parceiro do jovem na descoberta de novos conhecimentos e na ação comunitária. Os jovens devem ser estimulados a tomarem iniciativa dos projetos a serem desenvolvidos, ao mesmo tempo em que devem vivenciar possibilidades de escolha e de responsabilidades. O protagonismo juvenil deve priorizar a intervenção comunitária, Isso pressupõe uma concepção positiva de juventude, em que os jovens possam ser enxergados como detentores de potencial de ação e transformação sociais muito fortes, passando a ser agentes do processo educacional e não meros receptores de conhecimentos e de propostas pré-definidas.

O mundo capitalista desenvolveu um homem excessivamente autônomo e pouco solidário, o desafio atual para desenvolver o protagonismo é exatamente formar um homem solidário e autônomo simultaneamente; que seja capaz de apreender as novas linguagens que surgem diariamente e ganhar espaços no disputado mercado de trabalho ao mesmo tempo em que possa dar conta das terríveis conseqüências da globalização, como a desigualdade e a exclusão social.

Nesse sentido, seria função do processo educativo criar oportunidades para garantir aos jovens vivência e aprendizado das questões do mundo adulto, proporcionando o fortalecimento de um autoconceito positivo, a formação de vínculos saudáveis e o desenvolvimento de potencialidades e talentos, o que favoreceria ao mesmo tempo os próprios jovens e contribuiria com a construção de uma sociedade menos violenta e desigual. Promover a participação dos jovens a partir do protagonismo juvenil é também facilitar o acesso do jovem aos novos



---

---

espaços de participação social e política, resgatando o elemento transformador inerente à condição juvenil e canalizando-o para uma atuação saudável.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todas as barreiras impostas pelo sistema percebe-se que a juventude ainda pode provocar grandes mudanças na sociedade, mas para isso é necessário mudar o sistema educacional buscando formar cidadãos e homens completos, proporcionando não só educação e formação para o trabalho, mas formação integral para instrumentalizar o jovem a ser o agente de transformação.

O turbilhão de informações que bombardeia diariamente a cabeça de todos os seres humanos é fortemente sentido pelos jovens, pois, na fase de formação da personalidade eles acabam se perdendo em meio a tanta informação desconhecida e tem muita dificuldade em estabelecer um caminho com valores e causas pelas quais deve lutar e ser o protagonista de sua vida e de seu meio.

A globalização e seus frutos deveriam servir o homem e não o contrário, pois não seguir as regras incorre em não se tornar parte e não ser valorizado.

### REFERÊNCIAS

BONANO, Alessandro. A Globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar. In: CAVALCANTI, J.S.B. (org) Globalização, trabalho e meio ambiente. Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife, Ed. da UFPE, 1999, p. 47-94;

BONETTI, Albertina. O corpo no processo de globalização: idéias preliminares. Kinesis, Santa Maria. n.º.19, 107-104,1998.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv 7(1): 179-208, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v7n1/v7n1a08.pdf>. Acesso em 27 jul 2013.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

ESCOBAR, Arturo. Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization. Political Geography 20 (2001) 139–174.



---

---

FRANCO, Augusto. A Revolução do Local: Globalização, Glocalização, Localização. Brasília: AED. São Paulo: Cultura, 2003

FREI BETTO. Cristianismo e marxismo. In: LOWY, Michael(Org.). tradução: SCHILLING, Cláudia; BORGES. Luis Carlos :O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006 p. 515-419

FRIEDMAN, J. (1997). Simplifying complexity. In K. F. Olwig, & K. Hastrup, Siting culture (pp. 268–291).London: Routledge

GERTEINY, Gilbert Gilles.Mundialização, globalização, localização e glocalização. Disponível em <http://ucam-poa.com.br/mundializacao-globalizacao-localizacao-e-glocalizacao/>. Acesso em 29 jul 2013.

GOMES, M. B. . A cultura como dupla mediação social. Contrapontos (UNIVALI), Itajaí (SC), v. 5, n.1, p. 109-124, 2005

MATURANA, Humberto VARELA, Francisco;. A Arvore do Conhecimento. São Paulo: Editorial PSY, Tradução Jonas Pereira dos Santos, 1995.

MORIN, Edgar. Cultura de Massas II - O Espírito dos Tempos (Necrose). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_.Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo. 1 e 2 vols. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. Cultura de massa no século XX. Vol. 2: Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

PERISSÉ, Gabriel. Entrevista: Mais da metade dos professores não têm o hábito de ler. 2008 Disponível em: <http://pavilhaoliterario.wordpress.com/2008/05/18/gabriel-perisse-mais-da-metade-dos-professores-nao-tem-o-habito-de-ler/>. Acesso em 25 jul 2013

RATTNER, Henrique. Globalização em direção a "um mundo só"? Em aberto, Brasília, n°. 65, jan./mar.1995.

ROBERTSON, Roland (1995). "Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity" in Featherstone, Mike, Robertson, Roland & Lash, Scott. Global Modernities. London: Sage Publications, 1995

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

VENTURA, Zuenir. 1968 O ano que não terminou, São Paulo, Planeta do Brasil, 2008,

WELLMAN, Barry. Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. Toronto,





---

---

2001. Disponível em:  
<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes/littlebox.PDF>.  
Acesso em 25 jul 2013.

